

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA PARANOIA: UMA LEITURA A PARTIR DE FREUD E LACAN

*Antonio Garcia Neto*<sup>1</sup>

## RESUMO

A presente discussão tem como eixo central os desdobramentos do amor na estrutura da psicose, na tipologia da paranóia. Para sustentar esta discussão foram utilizadas as formulações de Freud e de Lacan. O percurso partiu da formação do sujeito do inconsciente, atravessando transversalmente o conceito nomeado por Freud de *Verwerfung*, e por Lacan da forclusão que são apontamentos da posição do sujeito diante da castração. Neste sentido o estudo buscou investigar levantamento do amor na paranoia, sendo a emergência do fenômeno amoroso uma posição diante da vida com as impossibilidades que lhe são próprias, quanto avia de sustentação ao laço social, retomando a hipótese de Lacan sobre uma forma que na paranoia o sujeito possa aproximar-se de uma forma de “amor morto”, na qual este sujeito reposiciona-se frente ao Outro e seus efeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Psicose. Paranoia. Amor.

---

1

## **INTRODUÇÃO**

Sei lá!Sei lá!Eu sei lá bem  
Quem sou?um fogo-fátuo,uma miragem...  
Sou um reflexo...um canto de paisagem Ou apenas cenário!  
Um vaivém. Como a sorte: hoje aqui, depois além!  
Sei lá quem sou?Sei lá! Sou a roupagem  
De um doido que partiu numa romagem  
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!... (ESPANCA. 1923, p. 93 )

A proposta de discutir as formas em que o amor pode apresentar-se nas psicoses, deu-se na observação da constante presentificação clínica e que a poesia presta a ensinar de que há um saber entre o amor e a loucura. Ambas fazem parte de uma relação muito importante, e do qual a Psicanálise, não propõe colocar um ponto de basta.

O estudo é um percurso realizado no mecanismo de funcionamento da formação do psicanalista proposto por Lacan em 1964, nomeado de Cartel, visando uma explanação sobre as possibilidades de modos de existência do psicótico, tomar-se-á a modalidade do amor como via de acesso ao laço com o outro, ou seja, uma possibilidade de construção de sentido nas relações.

Na psicose trataremos sobre o tipo clínico da Paranoia, essa escolha se deu nas leituras tanto de Freud quanto de Lacan realizadas na direção de pesquisar a seguinte questão: Existe amor na paranoia? Se existe, como opera o amor no psicótico? Qual sua função?

A psicanálise não se propõe a afirmativas absolutas, lembrando que cada caso é singular. Utilizando a celebre afirmação de Freud (1911) de que o recalque é a pedra angular na qual repousa a psicanálise, partimos deste princípio para questionar, qual lugar a psicose ocupa diante da Psicanálise, onde teria faltado o recalque na construção do sujeito. Isso nos leva a formular que boa parte dos conceitos e definições utilizados para uma contemplação do inconsciente na organização das neuroses não pode ser utilizado para compreender a lógica das psicoses.

## **FREUD E A PARANOIA**

Freud começa a se distanciar da compreensão de Charcot sobre a psique, porém continua embaraçado com seu desejo de explicações não biologistas para as

possíveis manifestações da mente, endereça cartas, escreve rascunhos a Fliess, e suas correspondências continham o nome da Psicose mantida ainda refém de sua elaboração dos mecanismos próprios para neurose e psicose, como *Verdrangung* (recalcamento), e *Verwerfung* (rejeição), respectivamente. No texto seguinte, de 1896, sobre Novas observações sobre as psicose... ele até retrocede, aí sim, falando de recalque para a psicose também.

Depois de dedicar-se a um longo período de construções teóricas conceituais verificáveis a partir de 1891 a 1910, época que se localiza a produção de publicações de valor imensurável e marcantes como, a “Interpretação dos Sonhos em 1900 e Os Três Ensaios sobre a sexualidade em 1905, Freud atravessa um caminho rumo ao inconsciente e conseqüentemente o ápice das psicoses, falando dela paralelamente a histeria, casos de fobia, talvez sem dar-se conta do alcance que se propunha.

A partir de 1910 outras situações começam a guiar a caneta de Freud, visualiza-se um período em que o mestre investe seus esforços numa tentativa de estabelecer métodos sobre a técnica e parâmetros para o exercício da Psicanálise na sociedade vienense. Freud (1910/2009) colocou em evidencia sua constante preocupação com o futuro da Psicanálise, assim tentou ficar dar continuidade aos trabalhos, iniciando com a publicação da obra O caso Schreber e Artigos sobre a técnica e outros trabalhos, de 1911, textos que evidenciam suas pontuações sobre as psicoses. Nesse sentido o posicionamento de Freud diante da psicose consistia em afirmações desfavoráveis, na qual a Psicanálise não seria o melhor método para o tratamento da psicose.

Um fato interessante sobre a obra que Freud elaborou sob o nome acima citado, é que foi inspirada na leitura de um texto publicado 1903 de Daniel Paul Schreber intitulado “Apresentação das memórias de um doente dos nervos”. Quando lançado, o texto não chamou a atenção do pai da Psicanálise de imediato, e levou aproximadamente oito anos para que o fizesse, tempo este que nos leva a pensar o quanto os conceitos da teoria psicanalítica precisariam ser refinados para possibilidade de explicar tais fenômenos.

Cabe aqui mencionar a relação de Freud, com a sua percepção da loucura e sua relação com a arte, nas entrelinhas da história revelada de Octave Manonni, Ernest Jones, Peter Gay e Elizabeth Roudinesco, fica claro, tanto na história da Psicanálise quanto na própria escritafreudiana seu fascínio com a arte, seja na poética ou pictórica. O destaque de Freud sobre a arte aponta a transcendência de um conhecimento que a ele custava muito para adquirir, e confessava isso sem medo, e deste modo a loucura esta para ele como um marco, uma moeda que não possuía, por isso apresenta sua dificuldade em compreender teoricamente. Torna-se importante ressaltar que o artista e o psicótico possui um saber que escapou a habilidade terapêutica freudiana. Porém, o artista era apreciado já o louco nem tanto.

Mesmo com um caminho tão sinuoso, é necessário atentar ao método freudiano para elucidar as questões primárias em relação às psicoses.

Deste modo, podemos tomar as observações de Freud, quando este começa a investigar a suposta normalidade por meio do patológico, sendo que, esta subversão permitiu um grande avanço anunciado em seus *Estudos sobre a histeria* de 1893-1895.

Freud exhibe uma leitura do homem que resgata os aspectos fora de um padrão, daí a inauguração do inconsciente, e que permitiu o advento da Psicanálise, cruzando o campo das psicoses na formulação sobre a paranoia.

No contexto da história da criação da Psicanálise podemos propor uma linha do tempo em termos didáticos que nos auxilia sobre a compreensão do movimento e suas transformações. Ssituamos preliminarmente um período de 1891-1899 em que a cura era proposta com o método da hipnose, ou seja, a eliminação dos sintomas era lembrar. Em segundo tempo, o período de 1900 a 1920, o método de cura viria por técnicas de interpretação, como aponta sua obra da “Interpretação dos Sonhos” inaugural de um século propositalmente planejado, assim implicava em um *modus operandi* de interpretação, e o que acarretou diversos ônus ao processo de fundação da Psicanálise. E o último período, de 1920, em que as evidências da inserção de outra dimensão da pulsão, que está além do principio do prazer, reformulando a

ideia de uma cura, ou seja, não é mais entendido como uma eliminação total do sintoma.

Vemos assim, que a investigação de Freud como o método de associação livre surge na relação psicanalítica com as neuroses histéricas, e sofre diversos efeitos, prevalecendo como regra de ouro, incondicionalmente: a fala livre. A formulação do método de associação livre permitiu o avanço da construção do conhecimento a partir de um sujeito que ouve os sintomas, acolhe a queixa e permite a fala.

No texto “Rascunho K”, Freud oferece o primeiro esquema de formação da neurose vejamos na íntegra.

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento é, em geral, sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalçada. (2) Seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. (3) Um estágio de defesa bem-sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto a existência do sintoma primário. (4) O estágio em que as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dito: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjogado, ou de recuperação com uma malformação. (FREUD, 1896, p. 269)

Serve como ressalva essa explanação, pois, Freud também afirma que a paranoia, nome pelo qual ele chama as manifestações delirantes, seria resultado de um suposta rejeição, “na paranoia o rechaço se dá após um processo de pensamento consciente e complexo” (FREUD, 1986, p. 275), pois existe uma perda de realidade que desliga a representação.

É importante apontar o trabalho realizado por Freud, no qual universaliza para a criança humana, sobre o fato de que na vida psíquica a realidade é perdida. A teoria psicanalítica aponta em direção de um encontro, existe um pacto inconciliável e que essa situação vivida na infância acontece independentemente das estruturas clínicas, sejam elas, neurose, psicose e perversão, porém, reconfigurando assim a concepção do patológico.

Queremos chamar a atenção para pensar as implicações dos modos de ligação do sujeito na estrutura paranoica, ou seja, como acontece a operação do amor na paranoia. Não almeja se apenas indicar que determinada estrutura é assim ou de tal modo, mas pensar no que antecede o advento deste modo de ligar-se ao Outro.

Pretendemos assim discutir um circuito pulsional que está no engendramento de toda a criação humana, ou seja, refletir a dimensão do amor na paranoia, e que segundo Lacan (1973), falar de amor trata-se de falar do ser em questão.

Para tal condição de discussão teórica é preciso, tomar o conceito nomeado por Freud em alemão, de *Verwerfung*, a elaboração desse conceito que está concentrado em dois momentos (1894 e 1918). O primeiro é aquele em que é estudado o recalçamento e a rejeição, no segundo, inicia-se outro estudo, o da renegação, e será este do qual nos deteremos, como renegação da castração e em Lacan por foraclusão, contribuindo para a compreensão mais avançada sobre os desdobramentos do amor nas psicoses, e aqui a paranoia em especial. Ainda sobre o termo de foraclusão Lacan diz tratar-se exatamente da,

A rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significativo. (LACAN 1955/1988, p. 171)

Contudo, ressalta que a recusa é a modalidade de defesa empregada, tanto para definir a confusão alucinatória quanto a paranoia. Nas psicoses podemos partir de uma universalização de operação de defesa, assim temos, antes do advento do sujeito do inconsciente, uma posição do *infans* que exclui, ao deparar-se com a diferença inscrita no campo do Outro, o que pode ou não, passar na via anatômica, permitindo assim ser formulado. Trata de uma ocorrência de colágeno outro, produzindo uma morada imaginária, e lá constituir-se como ser, e como efeito no campo desse Outro das psicoses. Sendo assim não há reconhecimento de falta, ou seja, também não há inscrição de furo, e se essa inexistência tem consequências sobre a linguagem e assim conseqüentemente na esfera do amor, torna-se uma condição *sinequa non* para as psicoses.

Cabe apontar que nas psicoses tem-se um desdobramento tão radical de rechaço da alteridade em que na tipologia clínica da esquizofrenia o sujeito não faz uma conjuntura consistente da construção da imagem corporal. Este modo de operação da psique pode provocar um despedaçamento, suas raízes imaginárias são tão divididas que possivelmente poderá oferecer riscos de desintegração egóica. Já na paranoia o rechaço da diferença que está no campo do Outro leva a um modo de operar.

O sujeito posiciona-se de tal maneira ao responder com a forclusão alojando no próprio campo do Outro, identificado como tal, o que lhe permite a formação da imagem sustentando-se em identificações do próprio Outro. Temos aqui uma hipótese sobre a relação da Psicanálise com a paranoia, na qual esta posição de identificação permita maior sustentação aos escritos freudianos, e por isso encontremos mais referências sobre o estatuto da paranoia do que sobre a esquizofrenia. Vejamos isso tanto em Freud quanto em Lacan.

Mas antes de adentrar nas conjecturas que os desdobramentos do amor tem na paranoia, é imprescindível situarmos a compreensão do mecanismo de forclusão que assume fundamentalmente a configuração do amor na paranoia.

Vejamos, temos primeiro sentido da palavra forclusão como uma defesa enérgica que, em termos de sua operatividade, age afastando da consciência tanto a representação quanto o afeto a ela relacionado (Freud, 1894/1976).

Fundamentando-se nessas premissas, uma conclusão freudiana possível, é a de que a paranoia tem de ser pensada a partir de uma operação defensiva, sendo que em função disso, aquilo que é rechaçado ou abolido tem um destino especial, diferente do recalcado. Isso confere ao retorno do conteúdo uma conotação particular, mas como delírio ou confusão alucinatória.

Freud cria em seus rascunhos, dos quais ressaltaremos o H (1895), que versa sobre *A paranoia* e o rascunho K (1896), sobre *As neuroses de defesa* que serve como esteio inicial para pensarmos a questão da vida psíquica e que eminentemente tornam-se precursores do brilhante conteúdo desenvolvido no artigo *As novas observações sobre as psiconeuroses de Defesa* de 1896, vale considerar que nesta época Freud se empenhou para esclarecer a etiologia das neuroses, e essas evidências não poderiam passar batido, no desenrolar de artigos que foram tão fecundos, vasculhamos as afirmações sobre o processo que deu origem as primeiras elucubrações de sintoma, e podemos constatar que há um processo comum tanto na neurose quanto na psicose no percurso da vida psíquica de todo sujeito, “*elas tem varias coisas em comum*” (FREUD, 1896, p. 267), embora algumas direções sejam mudadas, acompanhem-nos.

“Em ambos os casos até aqui considerados [neurose histérica e neurose obsessiva], a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Ha, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu *rejeita* a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. *Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose [...]*” (FREUD, 1894/1976, p. 63-64 – grifos nossos).

Lacan (1956) confere um sentido mais preciso para o termo *Verwerfung*, na formulação freudiana de 1894, tomando então enquanto a abolição, o que será conceitochave para a interpretação do Caso Schreber, já no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1955c) aborda um primeiro tempo lógico do processo de estruturação do sujeito pensado em termos do mecanismo da forclusão e identificado ao momento de exclusão que constitui o real, no sentido daquilo que é deixado para fora do campo da linguagem.

## O CAMPO DA PARANOIA EM LACAN

O campo em que se vale Lacan (1998d) toma como esteio as formulações sobre a forclusão para afirmar que, é por meio desta operação que o sujeito recusa o acesso ao mundo simbólico de algo que, sem dúvida, já experimentou como ameaça da castração: a ausência, no registro simbólico, de uma não admissão, uma falta da afirmação primordial que se confirmará pela alucinação. Nessas circunstâncias, a castração não existe então para o sujeito uma vez que não foi captada a diferença.

Decorrente disso, temos duas consequências no campo clínico da paranoia. Em primeiro lugar, o retorno com exterioridade indica que, na psicose, não há centralização do saber, no sujeito, no pai e nem no mundo. Devido ao processo de constituição do sujeito na paranoia não passar pelo recalque, o conteúdo não centraliza no ponto do sintoma e nem com origem específica, que é marca do recalque. Em segundo lugar, em decorrência da não centralização do saber o psicótico passa operar com certeza absoluta que é dada pela alucinação. (Quinet, 2009).

Sobre a recusa de uma alteridade, que consiste na interdição de uma função terceira, representante do mundo simbólico Lacan fala sobre o efeito dessa ação,



com efeito o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de nome-do-pai, isso é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1957/58, p. 152)

O significante teria por objetivo estabelecer ordem, a qual no sujeito das Psicoses não há operação do Nome-do-pai, com a inexistência de recalque e sem a interdição de um Outro, a forma de manifestação do inconsciente enquanto sintoma merece ser repensada, uma vez que o sintoma tem por definição um efeito da relação com a linguagem operado por uma barra na qual supõe ser o recalque.

Antes de chegar a uma possibilidade de resposta sobre a questão inicial da existência do amor na paranoica, vemos aí que ele pode começar a apontar enquanto uma operação de contorno ao campo das significações, dando abertura ao sujeito para lidar com essa operação de foraclusão, que lhe ocasiona outros modos de se haver com o mundo e seus símbolos.

Sobre o efeito do foraclusão, marca de ausência, que Rabinovitch (2010) chama atenção para o conceito de nadatização<sup>2</sup> onde expõe que existe o Real predominante, o que podemos formular a partir deste lugar em que há prevalência de um “nada”, onde deveria advir um sim, sobre o reconhecimento de Outro enquanto portador de diferença, se aproxima do estatuto de objeto *a*,<sup>3</sup> ora o objeto *a* não é justamente o que se mostra presente pela ausência?

Portanto hipoteticamente situa-se no âmago do Real, e chega a afirmar que o psicótico “*carrega o objeto a no bolso*”, (Lacan, 1964), entendemos que ele é o próprio objeto *a*, e nessa direção o delírio é a possibilidade de criação de sentido da existência desse ser, dito de outras palavras, é uma aposta de ser causa de algo para alguém, e tal funcionamento pode ser exemplificado nos desencadeamentos de

---

<sup>2</sup> Trata-se de um termo utilizado por Rabinovitch, para exemplificar que a ausência de um significante primordial, o qual não causa furo, mas sim uma ausência, é o nada que se encontra o sujeito da Psicose, e a criação a partir desse nada, desta ausência é o que permite ao Eu da psicose, a criação de um sentido, seja em forma de delírio ou de outros modos.

<sup>3</sup> Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo (ROUDINESCO, ).

surtos psicóticos quando subjetivamente o sujeito se sente ameaçado em situações corriqueiras em separar-se do Outro, que tem sua habitação no mesmo ser.

Disso podemos lembrar a proposição de Freud (1911) freudiana da paranóia persecutória é “ele me odeia”, a proposição para a erotomania é “ele me ama” e, para a megalomania: “eu amo a mim mesmo”. É possível formular então que trata-se de uma re-produção do afeto, e situá-la na tentativa de simbolização dos afetos, que embora não se inscrevam a partir do recalque, eles continuam pulsionalmente requerendo uma via de manifestação.

Articulamos o questionamento sobre quais as implicações que a nadatização, ou essa ausência tem sobre o amor na paranoia, Lacan nos alerta “*o psicótico não pode apreender o Outro senão na relação com o significante, ele se demora apenas numa casca, num involucro, numa sombra, ali onde a fala esta ausente, ali situa-se o eros do psicotizado*” (LACAN, 1955, p;. 289).

O estatuto de ausência que Lacan (1950) se refere, estaria inclinado para a condição fraturada no campo da simbolização, podemos pensar na inconsistência da palavra que não opera corte ou não separa o Outro que resta absoluto.

## **AMOR-TECERNA PARANOIA**

Aqui Lacan no esclarece que no campo da fala em que há condição presente das relações significantes e que no psicótico aparece “numa sombra” “*é ali que encontra seu supremo amor*” e insistiu “*o psicótico ama seu delírio como ama a si mesmo*” (1955, p. 289), é possível levantar que o amor enquanto uma construção implicada do próprio ser do sujeito, que aproxima-se de significantes, contorne o real, é a dimensão de fazer frente ao que ficou de fora da simbolização, ou seja, o real, situando aí uma possibilidade na qual a amor possa assumir funções de laço, Lacan acrescenta ainda, em aula na universidade Yale no Estados Unidos em 1974, sobre a temática, e diz que se trata de uma operação que falhou no campo do amor, isso nos leva a pensar que é na possibilidade das articulações de simbolização.

No ensino de Lacan podemos perceber um tempo em que persegue insistentemente a condição da linguagem como responsável pela tradução do inconsciente, porém percebe que algo reverbera entre o significante/significado e

que a própria língua denuncia como inominável, e acrescenta ainda que, no campo da Psicose, existe um tipo de amor morto, e nos diz mais.

A que se deve a diferença entre alguém que é psicótico e alguém que não o é? Ela se deve a isto: para um psicótico uma relação amorosa é possível abolindo-o como sujeito, enquanto ela admite uma heterogeneidade radical do Outro. Mas este amor é também um amor morto (LACAN, 1955-56, p. 287)

Nesse sentido tomamos então enquanto esteio da especificidade do amor morto na paranoia, essa condição estrutural estaria no sentido de que o sujeito fica a mercê do Outro, tendo seu próprio corpo evirado, invadido e abusado por este. O que este estudo buscou trazer levantar é que o amor morto como resultado de operações fundadoras pode alcançar duas dimensões, o que não implica a alteração de estrutura, mas sim de possibilidade de estabelecer outro modo de ligação com o Outro.

Reporta-se aduas vias específicas para compreender este processo. As duas operações simultâneas e constitutivas do sujeito desenvolvidas por Lacan (1964), sendo a de alienação e separação no seminário XI. A operação de alienação sem a incidência da separação condena o sujeito ao jogo imaginário letal com o outro. Ou é um ou é o outro. Trata-se da letalidade da dualidade imaginária. Mata-se por amor, ou morre-se. Aqui nota-se uma dimensão do amor na paranoia, aquela do imaginário que é frágil e por isso letal. Essas duas vias marcam também posições do sujeito em ativo e passivo, tendo como ativo a separação, e o passivo como alienação

Depois, a dimensão do Real, mediado ou não pelo símbolo, visto que um no exclui o outro, porém ao tratar-se da paranoia mantém uma peculiaridade, trata-se de uma sobreposição do imaginário sobre o simbólico. O amor morto na paranoia esta intimamente ligada a instância do Realem articulação ao Imaginário, isso pressupondo que existe uma condição possível ligar se ao Outro. Lacan (1955) esclarece o apego do psicótico com seu delírio, enquanto função que permita uma expressão de sua posição, é na condição de morto, passivo, sem reação que o sujeito fica na relação amorosa, a outra dimensão do amor morto, é o que mata, como no exemplo histórico do fã psicótico que matou em Nova York no ano de 1980 o músico Jhon Lennon. E o fez por amor, e ainda alegou ter feio isso por causa de delírios amorosos.

Contudo Pommier (1997) elabora construções importantes sobre esse ponto do amor morte, e coloca que mantendo a margem do amor cortês, a paixão de um sujeito (psicótico) por alguém pode livrá-lo das garras de um gozo insuportável – esta seria uma forma de mania de amor.

Sendo assim o que podemos articular a partir da leitura de Lacan e alguns autores que discutem essa temática da paranoia, formulamos interrogativamente a questão: Diante da formulação de Lacan sobre o “*amor morto*”, seria ele uma condição do sujeito da paranoia para manter-se ligado ao Outro? A partir dos atravessamentos de Freud e Lacan destaca-se as dimensões de amor na paranoia que possibilitaria um laço com Outro. Levanta-se como hipótese a modalidade do amor paixão, seja ela vivida ou não na construção delirante.

Lacan (1955), no seminário III, trata com muita profundidade as nuances das psicoses, ressalta o que poderia passar por esse ponto de amor-paixão: “na medida em que é praticado nesse estilo que se chama platônico ou idealista apaixonado, tornou-se cada vez mais uma coisa ridícula, ou que se chama comumente, e com razão, uma loucura” (LACAN, 1955, p. 289). Teríamos um exemplo clássico a paixão vivida por Aimeé, caso retratado na tese de doutorado de Lacan, em 1932 que revela a paixão platônica de Aimeé diagnosticada como psicose paranoica com o príncipe de Gales. (LACAN, 1932).

Aqui podemos notar o paralelo que Lacan traça entre o modo de amor paixão e sua proximidade com a loucura, isso se deve a impossibilidade de responder a um certo apelo, aquele do simbólico “é que se produz uma abundância imaginária de modos de seres que são tantas outras relações com o outro a minúsculo, abundância que suporta um certo modo de linguagem e fala” (LACAN, 1955, p. 288).

Ainda nos liames do amor morto, fizemos duas articulações: a primeira seria a recolocação do amor morto para um deslizamento de amor-paixão, uma amor que não estaria todo na dimensão letal do imaginário, no qual teria efeitos de amortecer, no sentido de tecer as relações do psicótico com o seu Outro. Ainda sobre o amor morto, enquanto deslizamento metonímico do amortecer, para amorte-ser, uma modalidade de amor que se apresenta enquanto amor paixão, o que implica na posição ativa na escolha de objeto, posição que faz parte de outra dimensão,

permite um escoamento do Outro absoluto, e visa uma brecha para que o sujeito encontro alguma expressão. Daí desague no amortecimento, e conseqüentemente produzindo efeitos na relação do sujeito da paranoia com seu Outro, com a vida e consigo mesmo. É bem sabido que uma paixão não esconde seu caráter avassalador e leta, mas também contem possibilidades de criação.

O estatuto de amor-amor paixão confere uma chance de subjetivação, de consentimento, e de amar a seu modo, uma possibilidade de criação de outra dimensão, dito em outras palavras a conquista do amor na paranoia seria uma reposicionamento que poderia diminuir sua invasão, e que de longe pensaríamos em estabilizações e manejos de gozo, e utilizando da arte teríamos o dito de Dali para sua esposa Gala “ *foi o amor dela por mim que me salvou da loucura*” e tanto o é, que quando Gala morre, ele tenta o suicídio.”

Isso aponta que a condição de amor morto traz um encarceramento sobre o sujeito, mas também não lhe impende de ter tentativas apazaguidoras, trata-se de uma possibilidade em que o amor-paixão que permite uma pacificação fugaz, intermediária, mesmo que continue cerrado sobre si, como nota-se no caso de Dali.

Sendo assim o que podemos articular a partir da leitura de Lacan e alguns autores que discutem essa temática da psicose, formulamos interrogativamente a questão: Diante da formulação de Lacan trata se de uma condição de “amor morto”, mas que podemos situar como uma outra dimensão de amor, que possibilitaria um laço com Outro na modalidade do amor paixão seja ela vivida ou não na construção delirante?

Lacan (1955) no Seminário III, onde trata com muita profundidade as nuances das psicoses, resalta o que poderia passar por esse ponto de amor-paixão, “na medida em que é praticado nesse estilo que se chama platônico oi idealista apaixonado, tornou-se cada vez mais uma coisa ridícula, ou que se chama comumente, e com razão, uma loucura” (LACAN, 1955, p. 289).

Aqui podemos notar o paralelo que Lacan traça entre o modo de amor paixão e sua proximidade com a loucura, isso se deve a impossibilidade de responder a um certo apelo, “é que se produz uma abundancia imaginária de modos de seres que

são tantas outras relações com o outro a minúsculo, abundância que suporta um certo modo de linguagem e fala”(LACAN, 1955, p. 288).

O autor situa essa modalidade de amor como uma forma específica de ligar-se a semelhante. Há uma via perigosa, que é uma supremacia de formações imaginárias que sustentam a ligação, o que não impossibilita, apenas lhe afere um caráter específico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa direção o que podemos vislumbrar com os apontamentos de Lacan sobre o amor morto: eis uma via de resposta em linguagem própria, contendo sua consistência imaginárias ou não, uma vez que, segundo Ferreira (2009), o amor paixão está para condição imaginária da posição de objeto.

Contudo o que o artigo buscou evidenciar é que amar nesta posição de morto, tem sua similaridade com uma posição passiva, aproximando-se do caráter feminino e talvez daí um empuxo-a-mulher, porém um amor paixão na Paranoia seria uma condição de amortecimento, mesmo que temporário, na qual o sujeito consente com os excessos de seu Outro. É possível fazer articulação ao Caso Schreber, a experiência dele de invasão por Deus é completamente devastadora. Daí o surto e apenas quando ele acolhe a emasculação, atribuindo a essa invasão do real um sentido, - ele seria escolhido para criar uma nova raça de homens, só aí ele encontra pela via do delírio uma estabilidade, possibilitando uma posição de subjetivação ainda que a um modo próprio. (FREUD, 1911).

A cautela sempre bem-vinda e necessária tanto, na clínica psicanalítica quanto na sua escrita, foi um viés que tentamos não manter distantes, uma vez que as construções sobre o inconsciente independente de estruturas. A discussão se colocou constantemente enquanto questões e que deve ser hipoteticamente mencionado, e assim com as palavras que a Psicanálise nos oferece na caneta de Freud e de Lacan, podemos encerrar apenas afirmando que deve ser considerado toda e não-toda forma de amar com possibilidades.

## REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, A. (1997). Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor

FERREIRA, N. P. A teoria do amor, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Passo-a-passo) 2008.

FREUD, S. (1894) “As neuropsicoses de defesa”. Rio de Janeiro: Imago, v. III, 1977.

\_\_\_\_\_. (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”. v. XII.

JULLIEN, P. O manto de Noé. Ensaio sobre a paternidade. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

LACAN J. (1932) Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

\_\_\_\_\_. (1949) “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

\_\_\_\_\_. (1954) “Introdução ao comentário de Jean Hypolite sobre a “Verneinung” de Freud”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c.

\_\_\_\_\_. (1955-56) O Seminário, livro 03: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. (1970-75) O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. (1959) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

POMMIER, G. La transferencia en la psicosis. Buenos Aires. EdicionesKliné. 1997. QUINET, A. Teoria e clínica da psicose. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

OUZA, N. S. A psicose. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

## **CONSIDERATION ON LOVE IN PARANOIA: A READING FROM FREUD AND LACAN**

### **ABSTRACT**

This discussion is central axis the unfolding of love in psychosis structure, type of paranoia, to sustain this discussion were used formulations of Freud and Lacan. The route went from the formation of the subject of the unconscious, cutting across the concept named by Freud's Verwerfung, and Lacan of foreclosure, pointing subject position modes before the castration. In this sense the study sought the lifting of love in paranoia, being both a position towards life and the impossibility of its own, as the support via the social bond, resuming the hypothesis Lacan on a form in which the paranoid can approach -If a form of "dead love" in which this subject repositions up towards the Other and its effects.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Psychosis. Paranoia. Love.



## **CONSIDERATIONS IN LOVE PARANOIA : LECTURE DE FREUD ET LACAN**

### **RÉSUMÉ**

Cette discussion est l'axe central le déroulement de l'amour dans la structure de la psychose, type de paranoïa, de soutenir cette discussion ont été utilisés formulations de Freud et de Lacan. La route est passé de la formation du sujet de l'inconscient, coupant à travers le concept désigné par Verwerfung de Freud, Lacan et de forclusion, pointant modes de position sujet avant la castration. En ce sens, l'étude a demandé la levée de l'amour dans la paranoïa, étant à la fois une position envers la vie et l'impossibilité de son propre, que le soutien par l'intermédiaire du lien social, reprenant l'hypothèse Lacan sur un formulaire dans lequel le paranoïaque peut approcher -Si une forme de "amour mort" dans laquelle ce sujet jusqu'à repositionne vers l'Autre et de ses effets.

**MOTS-CLÉS** : Psychanalyse. La psychose. La paranoïa. Amour.

Recebido em: 11-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>